

## **ESCREVER SOBRE ANIMAIS NA SALA DE AULA: os seres humanos nessas histórias**

### ***WRITING ABOUT ANIMALS AT CLASSROOM: human beings in these stories***

**Laise Orsi Becker<sup>1</sup>**

**Leandro Belinaso Guimarães<sup>2</sup>**

#### **RESUMO**

Práticas de incentivo a leitura e a escrita em diversas áreas do saber têm recebido mais atenção dos pesquisadores em educação e dos professores. A produção de escrita auxilia nos processos de identidade do aluno, permitindo um posicionamento do aluno quando se afrouxa o controle do espaço pelo professor. Escolheu-se como tema os animais tanto por ser um conteúdo previsto pelo currículo escolar quanto por despertarem em nós os mais diferentes sentimentos como admiração, medo, carinho, nojo. Trabalhou-se com alunos da 6ª série do ensino fundamental, da Escola Básica Municipal “Dilma Lúcia dos Santos” em Florianópolis, na construção de histórias de animais em aulas de Ciências e Língua Portuguesa. A proposta era de trabalhar o gênero narrativo com a escrita de contos com um animal passível de ser encontrado na região em algum contexto. Diante da riqueza de temas abordados nessas histórias, foram observados alguns aspectos da relação ser humano com os outros animais, como relações de utilitarismo, cuidado dos animais e amizade. Ainda, foi possível resgatar aspectos do cotidiano dos alunos e proporcionar a liberdade do uso da imaginação para criar diferentes visões de animais e refletir sobre as mesmas. Com isso, permitiu-se um diálogo sobre as diferentes vivências.

**Palavras-chave:** Ensino de Ciências. Leitura e Escrita. Animais.

#### **ABSTRACT**

Encouragements to read and write about several areas of knowledge are gaining the attention of education researchers and teachers. Writing production helps students with their own identities and allows them to stand for themselves when the teacher intends the situation. The animals have been chosen as the subject either for being part of the content provided by the school's curriculum, as for being able to produce the most sorted range of feelings on us such as admiration, fear, care and disgust.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Ciências Biológicas, Grupo TECENDO de Educação Ambiental e Estudos Culturais, CED, UFSC. E-mail: [liseorsi@hotmail.com](mailto:liseorsi@hotmail.com) (48- 9602 9311).

<sup>2</sup> Doutor em Educação, professor da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [lebelinaso@uol.com.br](mailto:lebelinaso@uol.com.br)

We have worked with students of the 6th grade, in the Primary School Hall "Dilma Lucia dos Santos" in Florianópolis, in the construction of animal's stories in science and Portuguese classes. The intention was to work with a narrative genre of story writing taking an animal that could be found in the region and putting it in a context. Given the variety of themes covered in these stories, it has been observed some aspects of the human relationship with other animals, such as relations of utilitarianism, animal care and friendship. It was also possible to rescue some aspects of the students' lives and provide free use of imagination to create different views of animal life and to think about it. Thus, it permitted a dialogue about different experiences.

**Keywords:** Science Education. Reading and Writing. Animals.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, práticas de incentivo ao trabalho de leitura e escrita em todas as disciplinas vêm ganhando força. Um ganho enorme para a educação, já que, para autores como Salomão e Lopes (2009), a leitura seria um dos meios mais eficientes de enriquecimento e desenvolvimento da personalidade e é um passaporte para a vida social.

A literatura infantil e infanto-juvenil, segundo Martha (2008), vem aumentando o número de publicações e tiragens. E estes livros estão recheados de informações e conteúdos dos quais os jovens leitores se apropriam, construindo visões de mundo e opiniões sobre os mais diversos assuntos. "Ensinos" estão sendo processados nessa literatura, mesmo quando seus (suas) autores (as) pensam estar escrevendo apenas para distrair e entreter seus leitores e leitoras (WORTMANN, 2007, p. 188). Isto se dá pela intimidade do momento de leitura, no qual os sentimentos, expectativas, conhecimentos do leitor estão interagindo com os que o autor expôs, utilizando-se do momento para sensibilização e educação científica.

Com a busca de uma educação científica, em âmbitos como o de Díaz (2002), de desmistificar e decodificar as crenças aderidas à ciência, como sua neutralidade, ao invés de persistir apenas em práticas que passem adiante o modo científico de organizar o mundo, poderíamos

insistir em outras que incentivem a opinião crítica e a compreensão da diferença entre a realidade e a interpretação da realidade.

Rodríguez (2007) expõe que é necessária a participação ativa dos alunos em torno da construção de seus conhecimentos e seu próprio sentido de vida, devendo-se incentivar hábitos de leitura, de autonomia e despertar (ou reavivar) a curiosidade e fascinação pela investigação, científica ou não.

Assim afirma Oliveira (2006) ao pensar a linguagem como matéria estruturante dos sujeitos por ser ela uma tomada de posição; ele propõe que quanto mais o professor mantiver o controle do espaço da sua significação, maior será o silêncio dos alunos na leitura e na escrita. “Observa-se o processo de produção do texto, sua significação, assim o leitor não apreende meramente um sentido que está lá, seu papel é o de atribuir sentidos ao texto” (OLIVEIRA, 2006, p. 2). E o de estabelecer sentidos entre os conhecimentos por ele capturados, seja na sala de aula ou não.

A construção de histórias viria como um processo de re-significação e reinterpretações, onde o aluno passa a ser ativo no processo. Além de estimular a imaginação, a criatividade, o desenvolvimento de habilidades para ilustração, a pesquisa e o pensamento crítico. O aluno é estimulado a criar, a ler e se questionar sobre o conteúdo ali encontrado e sua relação com o mundo real.

Os animais são escolhidos como ponto de partida dessas histórias por despertarem o carinho intrínseco, admiração, respeito e curiosidade que muitas espécies nos provocam. Segundo Wilson (1989, apud SANTOS-FITA & COSTA-NETO, 2007) os seres humanos possuem uma conexão emocional inata com as demais espécies da terra. Embora como afirma Dal-Farra (2008, p.16) “nós gostamos de animais de diferentes maneiras” e, acrescento, gostamos de diferentes animais de diferentes maneiras. Assim como o autor creio ser importante abordar esse tema nos espaços escolares.

Dal-Farra (2008) destaca a complexidade da inserção dos animais nas nossas vidas, seja como animais de estimação, os que fazem parte das refeições e vestuários, os invasores da paz de nossas casas. Da paradoxal atitude do humano no campo que é rude com o bovino e acaricia o cavalo, companheiro de trabalho.

O quão pobre se tornam muitas vezes as aulas de ciências que falam de animais dentro de suas classes taxonômicas e acrescentando às classificações de nomes complexos apenas suas “importâncias” para o modo de vida humano, geralmente relacionadas à economia (alimentação, produção de fármacos).

Quanto se perde dos conhecimentos cotidianos dos alunos sobre as relações ecológicas dos animais que os cercam, das relações que eles estabelecem com esses seres que dividem espaço e suas vidas conosco diariamente. Quais são as reflexões que os alunos podem passar a fazer sobre discursos de conservação e suas atitudes?

Assim, neste trabalho busco observar as histórias contadas pelos alunos quando incentivados a criá-las. Como eles relacionam os humanos em suas histórias.

## **DO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES**

Para realização deste trabalho, foi construída uma oficina de criação de histórias sobre animais. Essa oficina contou com a parceria dos professores de língua portuguesa e ciências de uma das turmas de 6ª série do Ensino Fundamental da Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos, no decorrer do ano 2009.

As histórias eram escritas em duplas e os animais eleitos para elas foram eleitos no primeiro encontro, como critério de seleção estes deveriam poder ser encontrados na Ilha de Santa Catarina, onde os alunos e alunas moram. Neste momento houve negociações pela escolha do animal ser o mesmo, tivemos reflexões sobre quais animais os

rodeavam e sobre alguns animais eleitos que eram desconhecidos por outros alunos.

Os alunos estavam livres para criar e incluir estes animais em suas narrativas do modo que mais lhes conviesse. E, contando com o apoio da sala informatizada da escola, também foram responsáveis pela digitação e edição dos textos. Sempre acompanhados pelos professores das respectivas disciplinas e por mim.

Com a finalização das histórias, em nosso último encontro, eles contaram uns aos outros suas histórias e conversamos sobre alguns aspectos que considerei importante chamar atenção sobre suas histórias. Este foi um momento de grande interação, inclusive da professora da turma.

Todas essas atividades foram desenvolvidas dentro da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina.

## **AS HISTÓRIAS**

Houve um começo complicado onde os alunos – e até mesmo a professora de Língua Portuguesa – buscavam encontrar o que me agradaria ler. Quais informações científicas deveriam estar no texto. Creio que a pressão acabou antes do fim das nossas atividades.

Com uma relação entre as aulas e o conteúdo de ciências, todos procuravam compreender o que deveria aparecer ali no texto. Muitas vezes me perguntavam se deveria ser mesmo um conto ou se deveriam escrever um texto informacional.

E eu repetia para escreverem um conto, uma história que envolvesse aquele animal. As informações que eles julgassem necessárias para ajudá-los poderiam buscar na *internet* ou me solicitar. Mas, não havia muito a exigir. Eu dava o exemplo: caso você queira escrever uma cena onde ela está comendo, quem sabe você possa colocar o que ele realmente come ao invés de chocolate.

Os animais escolhidos foram a baleia franca, o cachorro, o golfinho, a coruja-buraqueira, a joaninha, o coelho, a lontra, a cascavel e o tamanduá-bandeira.

Para a melhor compreensão das minhas discussões a seguir, permito-me agora, fazer uma breve sinopse sobre cada uma das histórias.

A história da baleia franca nos conta sobre um biólogo que decide visitar um zoológico abandonado atrás da baleia. Acontece que neste encontro, o biólogo César se vê capaz de conversar com a baleia Mugue que lhe pede ajuda para rejuvenescer os animais do zoológico. O biólogo se torna o herói conseguindo o *chip* rejuvenescedor e respondendo às perguntas com a ajuda de Mugue para fazê-lo funcionar. Nosso herói volta para casa com a sensação de ter vivido um sonho.

Um sonho é vivido pela Luisa, protagonista da história do cachorro, este representado pela cadelinha Cereja. Luisa começa a história dando muitas informações científicas sobre os cães. Eis que a menina vai parar num mundo secreto dos cachorros – muito semelhante ao nosso, mas onde os canídeos estudam, andam de ônibus e etc. – onde ela pode conversar com a Cereja. Só que a maravilhosa aventura de Luisa foi apenas um sonho.

Saindo do mundo dos sonhos, o conto do golfinho trata do encontro de uma família com os golfinhos na baía dos golfinhos. A problemática da história é que um dos animais é socorrido pela família, e essa descobre que o animal está com problemas de saúde por obesidade. A obesidade se deve aos alimentos que os turistas dão aos cetáceos quando visitam o local. Com um final feliz, a família descobre que o animal está melhorando e logo retornará ao mar.

O desejo de cuidar dos animais está presente no texto sobre a coruja-buraqueira, onde dois amigos decidem cuidar de uma mãe que “supostamente” está com a asa quebrada e de seus filhotes. Eles trazem macho, fêmea e filhotes para o quintal de casa e acompanham o desenvolvimento dos filhotes que quando adultos são soltos.

Já no conto da Joanelha, diversas joanelhas são capturadas para conter a praga de pulgões na plantação. Eis que estas que se tornam uma praga com tanta comida disponível, porém para não serem exterminadas, Joana convoca todas as de sua espécie para deixarem o local espontaneamente.

Os coelhos quase foram exterminados em seu conto por um caçador que os captura no quintal de uma casa e quase os mata de desnutrição, entretanto, a família consegue resgatá-los. Depois de um tempo, a família decide que é melhor deixar os coelhos viverem em liberdade e os entrega a polícia ambiental, enquanto que o caçador Lucas paga a fiança e fica livre.

Os coelhos voltam à liberdade, mas esse não é o destino da lontra que é salva dos maus tratos no rio Sangradouro que está poluído e acaba indo para um zoológico onde os meninos da história sempre vão visitá-la.

Na história da cascavel, ocorre um acidente entre o garoto protagonista – Gabriel – e uma cascavel. Depois de ir ao hospital tomar o soro antiofídico, o menino promete não maltratar mais as serpentes. Fato confirmado ao final da história quando encontra uma jararaca no retorno da escola e desvia seu caminho.

No conto de Puck, o tamanduá-mirim, o nosso protagonista passa um dia “comum” fugindo de seu inimigo Pitoco – a onça pintada – e se divertindo com seu amigo Rig – um jacaré. No fim do conto, Puck faz uma armadilha para Pitoco ficando livre dele e podendo aproveitar com seu amigo o dia na floresta.

“O desenvolvimento do modo narrativo da mente tende a receber menos atenção nas escolas porque não é visto como produtivo, não do mesmo modo como o desenvolvimento lógico das habilidades matemáticas o é.” (EGAN, 2007, p.23). Não enxergando a sua importância para trazer do imaginário (das abstrações científicas) a relação para o concreto. Segundo Girardello (2003, p. 12) “tornar presente o que presente não está”. Perceber que a ciência se utiliza o tempo todo da imaginação para poder logicamente desenvolver seu raciocínio e

enxergar as conclusões (invisíveis) em cima dos resultados (visíveis). “A imaginação não é o oposto da racionalidade, mas é o que pode dar vida, energia e rico significado ao pensamento racional” (EGAN, 2007, p.16).

Deste modo, “ser capaz de imaginar é ser capaz de ser livre das aparências convencionais” (SUTTON-SMITH, 1988 apud EGAN, 2007, p. 15), ou seja, a educação deve ser capaz de ser livre para assumir ou não as convenções, para imaginar a condição melhor. Incentivando a imaginação no ensino de ciências, estamos estimulando as percepções independentes dos alunos na compreensão da ciência que não chega “À” verdade, mas na ciência que construiu visões do mundo, algumas dominantes e outra não.

Segundo Coracini (1999 *apud* OLIVEIRA, 2006) as atividades que ocorrem na escola (quase) não contribuem para a construção da identidade, pois a forma como o ato de escrever tem sido abordado na situação escolar não envolve o sujeito. Já que lida com a ideia de que escrever é a soma de frases que exprimem um pensamento de maneira correta, estando a identidade do autor fora do discurso. Não os permitindo ser autores com liberdade de pensamento e sim, reprodutores de informações transmitidas pelos professores.

Foi possível através destas histórias resgatar um pouco dos próprios alunos-autores nessas histórias que estavam além do texto dissertativo, comumente utilizado nas disciplinas científicas.

Enquanto há um resgate das ideias dos próprios alunos, eles também incorporam novos conceitos aprendidos na escola ou pesquisados para a história em seus textos. Destaco isso com alguns trechos:

Com base em seus estudos, já sabia que ela pesava de 40 a 80 toneladas, o seu tamanho de 15 a 18 metros de comprimento e o seu nome científico *Eubalina australis*. Também sabia que elas se alimentam do Krill, uma espécie de camarão e, que também, as baleias não possuem dentes, e sim, barbatanas. (C. e L.).

- Mãe, sabia que os cães domesticados apresentam as mesmas características de um lobo? Ah! E também que o nome científico dos cães é: *Canis lupus familiares*. E também



que o peso médio dos cães domésticos é de 1 Kg à 70 Kg.(F. e MM.).

Sobre o olhar acerca dos humanos, observam-se diferentes retratos em cada história, sendo que apenas uma delas não conta com a presença humana em suas linhas: a do tamanduá-mirim.

No conto do cachorro há uma relação de extremo companheirismo e afeto entre seres humanos e o canídeo, reafirmando o antigo laço de amizade entre as espécies melhores amigas. Este companheirismo, apesar de ser presente nas ações com animais domésticos é retratado pelas alunas não colocando em nenhum momento a cadelinha protagonista como dependente da sua “dona”.

Dal-Farra (2008, p. 18) nos traz uma afirmação de James Serpell sobre a relação do ser humano com animais de estimação: “o cão doméstico existe de maneira precária na terra de ninguém, entre o humano e o não humano, não é pessoa, nem animal”. “Os animais são vistos como outros, mas são entendidos socialmente, ou seja, como pessoas” (DAL-FARRA, 2008, p. 24), destacando as similaridades e diferenças destes conosco.

Outras histórias mostram essa relação de companheirismo dotando os humanos de um poder de cuidar de todos os animais, aquele que faz o bem ao mundo. É o caso da história da coruja, do golfinho, da lontra e, até mesmo, a do coelho e da baleia.

Esse poder de cuidar é muitas vezes estimulado nas crianças pelos adultos através da criação de animais. “Justificativas a favor da criação de animais consideram que o contato com animais de estimação dóceis, companheiros desempenha um papel pedagógico importante” (DAL-FARRA, 2008, p. 18). Segundo a autora, deixam de ser brinquedo das crianças para se tornar algo sério. Alguém para as crianças cuidarem.

A relação de utilidade nos animais foi representada pela história da Joanhinha. Esta é uma das visões predominantes no ensino de ciências e biologia, classificação apontada por Ripoll (2008) como ainda tão comum nos livros didáticos. Desde as propriedades médicas encontradas nas

substâncias químicas de alguma parte da rãzinha da Amazônia aos microorganismos fermentadores de pão e cerveja. Segundo Santos (2009) a natureza é enxergada como algo mecânico desprovido de valores que não os utilitários.

Não pretendo afirmar que a aluna autora da história possua uma visão estreitamente utilitarista, apenas reitero que esta é uma visão amplamente estabelecida nos materiais didáticos, nas aulas de ciências e na sociedade. Portanto, o aparecimento do manejo de seres vivos em prol da espécie humana é apenas um reflexo de relações estabelecidas socialmente.

Já a relação demonstrada na história da cobra é semelhante a muitos discursos conservacionistas. Uma boa convivência, um respeito mútuo entre as diferentes formas de vida (quando o menino passa a compreender o ataque da cobra e desvia seu caminho da jararaca dizendo que não a irá perturbá-la).

“Vemos hoje necessidade de conjugar a preservação da natureza com a manutenção da população humana local através de suprimento dos recursos de que os mesmos precisam; emergem, então, discursos que defendem a harmonia entre o sustento de comunidades locais e a conservação de ambientes naturais (...). O fenômeno da urbanização nas últimas décadas, com a transformação na paisagem rural e o conseqüente aumento das cidades, trouxe também os “seres limítrofes” (...). Por vezes, ai abrimos os jornais do dia observamos notícias de ratões-do-banhado e gambás que se tornam invasivos em nossas habitações, tal como nós mesmos invadimos as áreas de mata nativa e acabamos por reduzir o espaço em que estes animais habitavam.” (DAL-FARRA, 2008, p. 24)

O mesmo se dá para diversos animais como mosquitos, lagartixas, moscas, borboletas, formigas. Muitas vezes invisíveis para nossos olhos até nos incomodarem pela “invasão”.

Como Dal-Farra (2008) nos fala, aceitamos a presença de alguns animais (sob certas condições) e interditamos outros dentro do “mundo que criamos” para habitar, conforme as necessidades da vida e os discursos que as justificam; e deixamos as representações que estão perto de nós tornarem-se invisíveis, esquecendo-nos que as adotamos.

Assim, “afagamos um animal de estimação, defendemos a proteção dos esquilos da floresta e do urso panda, mas fechamos os olhos para os animais de produção que nos servem de alimento, ou para o gambá que aparece em nossas ruas” (DAL-FARRA, 2008, p. 25).

Assim, considero importante e significativa a prática de escrita e leitura em sala de aula em todas as disciplinas, seja por promover o desenvolvimento da língua, da imaginação, do conteúdo programático de forma distinta; seja por permitir o lúdico, a propriedade da palavra do aluno, a construção dialogada do conteúdo, por permitir a expressão da emoção e do eu.

Através destas histórias podemos conhecer mais nossos alunos, por suas visões e anseios impressos no papel. Proporcionar a eles a mudança do olhar do aprender ciências, do quanto eles aprendem e ensinam entre si ao se expressarem. De estudarmos os nossos alunos e trabalharmos com eles os seus modos de enxergar a si mesmos, de enxergar suas relações com o mundo.

Fez-se aqui o que Oliveira-Junior (2006) procurou fazer com os desenhos: deslocar a ação do professor para a “ação passiva” da escuta e deslocar a ação dos alunos para uma “ação ativa” que coloca o saber em circulação.

## REFERÊNCIAS

CORACINI, M. J. A produção textual em sala de aula e a identidade do autor. In: CORACINI, M. J. (Org.) **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Pontes, 1999.

DAL-FARRA, R. A. Quando os animais invadem a sala de aula. In: SILVEIRA, R. M. H. (Org.) **Estudos culturais para professor@s**. Canoas: ULBRA, 2008. Cap. 1, p. 15-26.

DÍAZ, M. J. M. *Enseñanza de las ciencias ¿Para qué?* **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 1, n. 2, p. 57-63, 2002.

EGAN, K. Por que a imaginação é importante na educação? In: FRITZEN, C. & CABRAL, G. S. **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas: Papirus, 2007. Cap. 1, p. 11-38.

GIRARDELLO, G. A imaginação no contexto da recepção. **Revista interamericana de comunicação midiática**, v. 2, n. 1, p. 9-24, jan/jul 2003.

MARTHA, A. A. P. A literatura infantil e juvenil: produção brasileira contemporânea. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 43, n.2, p. 9-16, abr/jun 2008.

OLIVEIRA, O. B. de. Leitura e escrita no ensino de ciências: algumas reflexões sobre a formação do aluno-autor. In: MOHR, Adriana et al (Org.) **Anais do EREBioSul**, 2, Florianópolis, 2006. Disponível em: <[http://www.erebiosul2.ufsc.br/trabalhos\\_arquivos/mesaredonda03A.pdf](http://www.erebiosul2.ufsc.br/trabalhos_arquivos/mesaredonda03A.pdf)> Acesso em: 29 mai. 2011.

OLIVEIRA-JUNIOR, W. M. de. Desenhos e escutas. In: **Reunião da ANPED**, 29, Grupo de trabalho. Caxambu, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT12-1877--Int.pdf>> Acesso em: 29 mai. 2011.

RIPOLL, D. A classificação dos seres vivos e os Estudos Culturais: uma articulação possível na sala de aula. In: SILVEIRA, R. M. H. (Org.) **Estudos culturais para professor@s**. Canoas: ULBRA, 2008. cap. 3, p. 41-54.

RODRÍGUEZ, F. P. Competencias comunicativas, aprendizaje y enseñanza de las Ciencias Naturales: un enfoque lúdico. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 6, n. 2, p. 275-298, 2007.

SALOMÃO, S. R.; LOPES, E. M. O uso da literatura no ensino de Ciências no primeiro segmento do ensino fundamental: desafios e possibilidades. In: **Atas do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 7, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.foco.fae.ufmg.br/pdfs/340.pdf>> Acesso em: 29 mai. 2011.

SANTOS, J. R dos. **Educação ambiental e o trabalho com valores: olhando para os animais**. 2009. 116 f. Projeto de Mestrado (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro.

SANTOS-FITA, D. e COSTA-NETO, E. M. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozootologia. **Revista Biotemas**, Florianópolis, v. 20, n. 4, p. 99-110, 2007.

SUTTON-SMITH, B. *In search of the imagination*. In: EGAN, K. & NADANER, D. (Orgs.) **Imagination and education**. Nova Iorque: Teachers College Press; Milton Keynes Open University Press, 1988.

WILSON, E. O. **Biofilia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

WORTMANN, M. L. C. A natureza e a literatura infanto-juvenil. In: WORTMANN, M. L. C. et al. **Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência. A produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia - instâncias e práticas contemporâneas**. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 187-203.